

**IDEOLOGIA, AUTORIA E RESPONSABILIDADE: O SUJEITO NA
CONTRAPALAVRA D'O FREUDISMO**

**IDEOLOGY, AUTHORSHIP AND RESPONSIBILITY: THE SUBJECT IN O
FREUDISMO'S COUNTERWORD**

Kelli da Rosa Ribeiro¹
Doutora em Letras (PUCRS)
Universidade Federal do Rio Grande
(klro.rib@gmail.com)

Eduardo da Silva Moll
Licenciado em Letras Português/Inglês²
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
(eduardosilva.moll@gmail.com)

RESUMO: Empreender estudos a partir de teorias implica não apenas operar com construtos teórico-metodológicos, mas também aliar-se a uma visão de sujeito e de ação humana. O presente trabalho objetiva investigar as especificidades da visão de mundo de Volóchinov na contrapalavra a Freud, manifesta na obra **O freudismo**. O movimento polêmico de resposta a Freud e à psicanálise traz à discussão questões relativas à ideologia, à autoria e à responsabilidade com tons específicos em Volóchinov. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, elencamos eixos de análise no esboço crítico bakhtiniano e investigamos, a partir da investida contrária a Freud, conceitos disponíveis em outros textos do Círculo que corroboram e amplificam o delineamento da visão de sujeito em relação à linguagem e à consciência. Constatamos, com isso, que os conceitos de “ato”, “responsabilidade” e “ideologia” entrelaçam-se na teorização de Volóchinov a respeito da ação humana no universo discursivo.

Palavras-chave: Dialogismo. Sujeito. Consciência.

ABSTRACT: Carrying out theoretical-focused studies implies not only operating with theoretical and methodological concepts, but it also implies aligning oneself to a point of view regarding the subject's status and agency. The present study aims at investigating the specificities of Volóchinov's point of view manifested in **O freudismo**, a counterword to Freud. The inclination towards a polemic answer to Freud and to psychoanalysis sheds light on issues related to ideology, authorship, and responsibility, in a tone that is specific to Volóchinov. By means of a bibliographical research, we elicit analytical axes in the Bakhtinian critical essay, as well as we investigate, based on the counterargument to Freud, the concepts that are available in several other texts from the Circle, which attests and amplify the delineation of a subject point of view in relation to language and consciousness. Thus, our findings point out to the fact that concepts such as “act”, “responsibility” and “ideology” are intertwined in Volóchinov's point of view towards human agency in the discursive world.

Keywords: Dialogism. Authorship. Consciousness.

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6664-4912>.

² Mestrando em Letras. Bolsista CNPq. Orientadora: Maria da Glória Corrêa Di Fanti.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0635-9845>.

Da contrapalavra à consciência: pontos iniciais

Ao longo da obra de Bakhtin e Círculo, o escrutínio das noções de sujeito e de consciência mostra-se um produtivo caminho para pensar o agir humano no mundo da ideologia. Respeitando os matizes específicos que cada componente do Círculo destina a essas noções, percebemos como eixo de unificação uma perspectiva de sujeito cuja consciência é afirmada e encarnada no existir-evento. Isso se explicita em **Para uma filosofia do ato responsável**, obra em que Bakhtin ([1920-1925] 2017b, p. 79) constrói um modo de pensar o ato humano sob a égide da responsabilidade; uma filosofia primeira “[...] do existir-evento uno e único”. No ato responsável, o momento de realização do agir ocorre segundo uma arquitetônica tal que os eixos de valor entre o eu e o outro – o “princípio arquitetônico supremo” (BAKHTIN, [1920-1925] 2017b, p. 142) – se co-determinam a partir das posições de não-álibi no existir assumida por ambos os sujeitos. Com esse eixo unificador, os escritos de Volóchinov, em especial os que polemizam com Freud, revelam uma visada acerca do ato humano com matizes, axiologias específicas, em relação aos quais nos debruçaremos neste artigo.

Em relação ao ato enquanto componente do eixo unificador, Ponzio (2016) defende que a filosofia manifesta em **Para uma filosofia do ato responsável** empreende uma “crítica da razão dialógica”, cujo cerne é a alteridade. Nessa perspectiva, a responsabilidade advinda da alteridade, do dever de responder responsabilmente por si em face ao outro, abrange tanto a esfera da consciência individual, quanto a esfera da coletividade organizada. Esse ponto se torna tônica em **Marxismo e filosofia da linguagem** a partir da relação entre linguagem e alteridade. Nessa obra, Volóchinov ([1929] 2018) defende o estatuto da individualidade já marcado pela inserção do sujeito na cultura e no discurso, numa constitutiva relação de alteridade. Assim, a consciência em Volóchinov não pode ser apenas “para si”, visto que a própria condição de aparecimento do sujeito e de seu (auto)reconhecimento reside na imersão deste, ativa e responsivamente, no todo discursivo de sua época. Por isso, a consciência se mostra como “um fato social e ideológico”, constituindo-se “[...] no material sígnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 97). Para refletir sobre a consciência em Volóchinov, portanto, devemos pensar o signo ideológico e sua relação com o ato responsável.

As relações entre estruturas macrosociais e a formação da consciência do sujeito são desenvolvidas por Volóchinov também em **Palavra na vida e palavra na poesia** ([1926] 2019), texto em que é evidenciada a importância da classe social e das ideologias de uma época para a construção do discurso interior. O eu “[...] pode se realizar na palavra apenas apoiando-se no ‘nós” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 121). O “nós” é o corpo social de onde emerge o “coral de apoio” da enunciação, assim como o representante encarnado do material discursivo que compõe a consciência. Veremos como o peso da alteridade em **Para uma filosofia do ato responsável** adquire tons ideológicos fortemente ligados à estratificação de vozes sociais, o que nos remete às classes sociais.

Nesse mesmo texto, Volóchinov (1926] 2019) afirma que o que é dito tem seu sentido dialogicamente ancorado no horizonte social compartilhado e/ou subentendido – o não-dito, também ideológico: “[...] **existe o subentendido de uma família, de uma linhagem, de uma nação, de uma classe, ou dos dias, dos anos, e de épocas inteiras**” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 121, grifos do autor). Para o autor, somente no interior da classe social e de outras macroestruturas pode o sujeito ter autoconsciência, pois dessas emerge o apoio ideológico que orienta e estrutura a palavra do “eu”. Portanto, a possibilidade de autoconsciência já é uma “[...] tentativa de traduzir-se a si mesmo a uma língua comum, de considerar o ponto de vista do outro [...]” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 143). Ou seja, o “nós” do todo social nutre o sujeito **de dentro** e respalda sua condição de não-álibi no ser, validando-a; a partir disso, o “eu” atua na esfera ideológica, de maneira singular, como previa Bakhtin.

Sobre a singularidade do não-álibi no existir proposta por Bakhtin ([1920-1925] 2017b), concordamos com Ponzio (2016) quando este argumenta que a alteridade é condição para a arquetônica do ato. Porque os sujeitos são singulares, a relação entre “eu” e “outro” torna-se “inconvertível” e insubstituível; não-mecânica, mas calcada em valores específicos (PONZIO, 2016). Por isso, conceber a lógica da consciência como “lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma comunidade” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 98) não implica o apagamento do ato responsável do sujeito em detrimento do todo social; ao contrário, evidencia as diferenças de ponto de vista manifestos nas singularidades, as quais se manifestam no interior de um todo ideológico maior.

Para Volóchinov, o mundo das ideologias não existe nem a despeito do sujeito, nem em seu interior egóico, mas sim “na palavra, no gesto, no ato” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 107). Nisso pesa a filosofia da linguagem cujo cerne é o signo ideológico: a palavra reúne, em caráter de tensão, tanto a singularidade do ato, quanto o “nós” no qual essa palavra se ancora para criar sentidos. Além disso, a cadeia ideológica que constitui o “nós”, no qual se apoia o “eu”, faz que entre o discurso interior e o exterior não haja diferenças qualitativas. Não há prevalências entre a perspectiva biográfica e a social, mas uma relação constitutiva e interdependente, visto que o “eu” que fala já é uma resposta ao “nós” que o ancora e já se posiciona frente a um “outro”. Como indica Ponzio (2016), o signo que preenche a consciência faz da palavra um indicativo valorativo da singularidade como resposta ao social:

A partir do momento em que o que é psicológico é ideologia absorvida e reestruturada segundo parâmetros de ordem prevalentemente biográfica, a compreensão do signo como signo interior, ou seja, do ponto de vista psicológico, deve também referir-se à ideologia, e essa compreensão não pode permanecer circunscrita a um âmbito puramente biográfico, porque em tal caso se perderia o próprio significado que tal signo possui no contexto da psique individual (PONZIO, 2016, p. 166).

Dessa breve contextualização acerca da consciência socioideológica do sujeito em Volóchinov, interpretada por nós pelas lentes do ato responsável, podemos criar hipóteses acerca dos motivos pelos quais a obra **O freudismo** (BAKHTIN, [1927] 2017a)³ concretizou-se na forma de tão ácida rejeição ao construto de inconsciente em Freud. Em primeira instância, salta aos olhos uma postura contrária ao psicologismo da ideologia tomado como subjetivismo, assim como a um objetivismo completo. A acepção do inconsciente por Volóchinov dá corpo à polêmica por supostamente demarcar um espaço de incomunicabilidade entre o “eu” e o “nós” – “O inconsciente é mudo, tem medo da palavra” (BAKHTIN, [1927] 2017a, p. 33). No espaço teórico criado por Volóchinov, sua filosofia da linguagem encontrar-se-ia em

³ Devido à edição de **O freudismo** (1927) disponível no Brasil ter a autoria aferida a Bakhtin, manteremos essa notação no corpo do texto para fins de citação e referência. Todavia, como lemos nas novas traduções de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, o artigo de 1925 intitulado **O outro lado do social: sobre o freudismo** é de autoria de Volóchinov, assim como o seria a obra de 1927, expansão do artigo. Assim, as citações que em nosso texto forem registradas como BAKHTIN ([1927] 2017a) referem-se a excertos diretos da obra; entretanto, quando tematizarmos a obra como um todo, registramo-la como Volóchinov (1927).

tensão com a teoria freudiana por ele reproduzida. As críticas a Freud, entretanto, encontram respaldo fora da polêmica?

Em seu seminal **O Inconsciente**, Freud apresenta uma proposta de aplicação desse conceito à clínica psicanalítica. O inconsciente é apresentado como uma suposição “**necessária e legítima**” (FREUD, [1915] 2010, p. 101, grifos do autor), uma vez que casos como os de atos falhos, esquecimentos específicos etc. não teriam explicação nem no aparato especificamente biológico (portanto, nem num objetivismo reducionista), nem na argúcia da consciência (portanto, nem numa psicologia subjetiva do consciente) (PEREZ, 2017). O argumento freudiano é de que seria “[...] uma **pretensão insustentável** exigir que tudo o que sucede na psique teria de se tornar conhecido também para a consciência” (FREUD, [1915] 2010, p. 102, grifos do autor). Torna-se impossível, nos limites do artigo, expor esse construto em detalhes, mas ressaltamos que ele não cabe à uma redução ou do subjetivismo, ou do objetivismo.

O cenário da polêmica, entretanto, se torna mais claro à nossa análise: de um lado, a consciência socioideológica, na qual o sujeito possui um dever com a condição de não-álibi no existir no interior de uma classe social; de outro, a consciência como a não-totalidade da psique do sujeito, o qual recorre à clínica para tratar-se de sintomas que interferem no dia a dia, mas que não são fruto da lógica consciente. Volóchinov insere-se nessa trama discursiva em posição de ataque a Freud, com ele polemizando (GRILLO, 2017). Sob essa polêmica, debruçamo-nos.

A obra **O freudismo: um esboço crítico** (BAKHTIN, [1927] 2017a), de Volóchinov, reflete o embate epistemológico que colocamos acima em forma de polêmica aberta (GRILLO, 2017): criticam-se as bases teóricas e o método psicanalítico em contraposição com a perspectiva do sujeito socioideológico. Segundo Paulo Bezerra (2017), a obra esforça-se em defender o potencial heurístico do marxismo, contrastando-o com as demais correntes ideológicas e epistemológicas da época, dentre elas a psicanálise. No livro, demonstra-se a existência de uma vertente ideológica burguesa que respalda a filosofia da cultura psicanalítica e que, aos olhos de Volóchinov, individualiza o sujeito ao ancorá-lo em suas estruturas biológicas e sexuais, a despeito da cultura. Logo no início da exposição, temos a seguinte avaliação sobre o que escapa à psicanálise: “Sua fraqueza está em não ter entendido a essência sociológica de todos esses fenômenos e haver tentado metê-los à força

nos limites estreitos de um organismo individual e de seu psiquismo. **Ele explica processos essencialmente sociais do ponto de vista da psicologia individual** (BAKHTIN, [1927] 2017a, p. 20, grifos do autor).

Ao ser cotejada com a obra de Freud, essa avaliação se mostra enviesada, não encontrando respaldo numa análise mais profunda dos textos psicanalíticos (GRILLO, 2017). Como indica Perez (2017), não é intuito da psicanálise propor uma filosofia da cultura, mas responder à clínica com uma (meta)teoria que respalde os fenômenos nela encontrados. Grillo (2017, p. 62) demonstra como a cultura é enfocada pela psicanálise não só antes, mas também depois de 1927, data de publicação de **O freudismo** enfatizando que “[...] Freud não é indiferente à influência das forças culturais e econômicas sobre a constituição tanto da sociedade, quanto do indivíduo. Ainda, Lima e Perini (2009) argumentam que a negação da cultura em Freud não se fundamenta, visto que a sexualidade e o desejo não seriam vistos como aspectos puramente biológicos, posto que o nascimento do sujeito “[...] faz parte de um projeto que envolve um desejo ou não desejo, mas sempre com uma representação de um papel cultural” (LIMA; PERINI, 2009, p. 84).

Por isso, é necessário perceber a datação e a influência do contexto histórico na recepção de Volóchinov à obra de Freud. Na leitura de Lima e Perini (2009, p. 81), a investida do Círculo se justificou pelo “[...] intuito em marcar um espaço ideológico comprometido com o sistema político em que o Círculo atua”. Ademais, Bezerra (2017) nos informa que o contexto de produção de **O freudismo** “[...] coincide com a época de maior radicalização ideológica na história da ciência”, haja vista a disseminação da ideia de “estrutura de classe da sociedade” (p. XI). Estamos cientes de que a crítica de Volóchinov talvez ignore que a psicanálise não se apresenta enquanto uma visão de mundo (PEREZ, 2017). Também, notamos que a breve apresentação das três fases do conceito de inconsciente na psicanálise conta com reducionismos por parte de Volóchinov, assim como com flutuações entre a distinção entre “psiquiatria” e “psicanálise”, por exemplo. Acreditamos serem tais incongruências resultantes do projeto discursivo de polemizar com a psicanálise, criando abismos teóricos onde não necessariamente haveria. Um dos esforços de Grillo (2017) foi justamente evidenciar como, na polêmica com Freud, Volóchinov deixa escapar o cultural e o social presentes na psicanálise, motivo pelo qual as concepções de sujeito parecem tão abissalmente discrepantes no texto do esboço crítico:

[...] Freud não é indiferente à influência das forças culturais e econômicas sobre a constituição da sociedade e do indivíduo, bem como não me parece incompatível com a concepção de um sujeito constituído socioideologicamente e uma sociedade movida pela contradição e pela luta de interesses econômicos. A disputa entre os diferentes grupos e classes sociais pela hegemonia na produção e controle dos signos ideológicos que, por sua vez, forneceriam o material e o conteúdo da consciência humana seria uma dimensão e coexistiria com a luta interior dos indivíduos entre a satisfação de seus desejos e as exigências do meio social [...] (GRILLO, 2017, p. 62).

Tendo em vista a importância da obra **O freudismo** (BAKHTIN, [1927] 2017a) para tematizar a consciência, o presente artigo tem como objetivo geral investigar a contrapalavra de Volóchinov a Freud, buscando fundamentação para suas críticas em textos basilares do Círculo, tais como **Para uma filosofia do ato responsável** (BAKHTIN, [1920-1925] 2017b) e **Marxismo e filosofia da linguagem** (VOLÓCHINOV, [1929] 2018). Em nossa investigação, buscamos discutir como a crítica de um autor a outro evidencia aspectos da visão de mundo de Volóchinov, visto que traz como implícito, no corpo da crítica, os pressupostos filosóficos e epistemológicos que respaldam seu posicionamento. “O pensamento humano nunca reflete apenas o ser de um objeto que procura conhecer; com este, ele reflete também o ser do sujeito cognoscente, o seu ser social concreto” (BAKHTIN, [1927] 2017a, p. 22); ou seja, a crítica manifesta a Freud proporciona ao leitor um caminho de conhecer tanto Freud às lentes de Volóchinov, quanto a visão de Volóchinov sobre Freud, evidenciando particularidades em relação aos demais integrantes do Círculo.

Nosso objetivo geral desdobra-se no trabalho de análise, fazendo uma breve incursão em conceitos nodais na fortuna teórica do Círculo, em especial os de “sujeito”, “consciência”, “ato”, “linguagem” e “corpo”, perpassados pela noção de “ideologia”. Realizaremos recortes discursivos (doravante, RD) em **O freudismo** que exemplifiquem o aparecimento desses conceitos na polêmica, tendo como base a concepção de ato enunciativo como essencialmente situado no interior de uma classe social e de uma sociohistória. Com isso, debatemos uma singularidade no que tange à visão de agência humana na filosofia primeira bakhtiniana e a visada dialógica de Volóchinov, a qual se reveste de matizes sociais, econômicos, políticos e de classe mais evidentes. Acreditamos que possamos contribuir para a compreensão do papel da classe social para a consciência em Volóchinov, assim como alguns dos motivos que engendram a polêmica travada com Freud.

Para tanto, o artigo se apresenta da seguinte forma: primeiro, fazemos uma revisão desses conceitos a partir da noção de ato em Bakhtin. Em seguida, tentaremos compreender o estatuto do sujeito em Volóchinov a partir da relação entre biologia e cultura, pensando a ideologia e a responsabilidade como atuantes no nascimento cultural do corpo, por seu “batismo” na esfera social, argumento premente em **O freudismo**. Por fim, balizamos nossas discussões pelo construto de ideologia e da responsabilidade do agir humano no interior de uma classe social. Em todos os momentos, fazemos o movimento de respaldar as críticas de Volóchinov em seus escritos de 1929, assim como na filosofia primeira bakhtiniana.

Precisamos ressaltar que nossas categorias de análise se filiam ao ideário bakhtiniano. Não é do interesse desta exposição verificar a acuidade das críticas do Círculo; estudos importantes já foram publicados nesse sentido (GRILLO, 2017; LIMA, PERINI, 2009). Nosso intento é fazer uma análise dialógica da própria palavra de Volóchinov em seu estatuto de contrapalavra, visando a salientar suas especificidades. Portanto, quando afirmamos que a psicanálise é vista desta ou daquela forma, estamos nos referindo especificamente à leitura freudiana feita por Volóchinov. O ganho desta investigação concretiza-se na discussão das particularidades do ponto de vista de Volóchinov acerca do ato humano e da ideologia a partir de um posicionamento crítico específico. Tal posicionamento indica matizes desse pensador que, somados ao Círculo, contribuem à pluralidade do empreendimento teórico do Círculo.

Ato responsável e classe social

Relativamente a **O freudismo** (BAKHTIN, [1927] 2017a), cumpre-nos compreender seu horizonte histórico e a inserção da obra no contexto de produção tanto das ideias de Bakhtin e Círculo, quanto nas da de Freud. Conforme Clark e Holquist (1998), no período em que fora forjado o esboço crítico, Freud vinha sendo tomado como figura relevante ao delineamento de uma “psicologia marxista”. O ensaio de Volóchinov de 1925, culminados em súpula em **O freudismo** coloca-se em reação dialógica a essa investida do entorno científico a favor da leitura marxista das proposições freudianas. Em 1927, portanto, cristaliza-se a crítica à psicanálise buscando evidenciar seu suposto descompasso com o materialismo histórico-dialético, ressignificando, dentre outros conceitos, o inconsciente e a interação

psicanalítica. O primeiro é analisado à luz da ideologia (oficial e não-oficial; estruturada e pouco estruturada); o segundo é conceituado como uma troca de respostas verbalizadas (BAKHTIN, [1927] 2017a). Como se sabe, o papel da linguagem na consciência e nas relações sociais serve de pilar à construção de uma filosofia da linguagem cujo cerne é o signo ideológico (VOLÓCHINOV, [1929] 2018). **O freudismo**, nesse sentido, é uma obra importante ao próprio percurso filosófico, metodológico e teórico do Círculo de Bakhtin, aliado ao método sociológico.

Antes de procedermos às conexões entre alguns eixos de análise d' **O freudismo** (BAKHTIN, [1927] 2017a) com o seminal **Marxismo e filosofia da linguagem** (VOLÓCHINOV, [1929] 2018) e com **Para uma filosofia do ato responsável** (BAKHTIN, [1920 – 1922] 2017b), especialmente no que tange às questões da biologia, do corpo, da sexualidade e da consciência, faremos uma breve exposição de alguns eixos de divergência entre Volóchinov e as ideias freudianas, informados pelo próprio ponto de vista do autor. Veremos que são pontos nodais da contrapalavra de Volóchinov a historicidade e o caráter ideológico da subjetividade. Essas noções estão na filosofia primeira bakhtiniana em termos de eventicidade e de manifestação encarnada do ato, mas especializadas por Volóchinov ao contemplar o signo ideológico e o todo social como constitutivos do ato.

Um dos primeiros eixos da crítica de Volóchinov, acena à rarefação do caráter histórico do ser quando no interior da “tônica ideológica”⁴ psicanalítica, avaliada por ele como uma corrente ideológica burguesa em fortalecimento à época (BAKHTIN, [1927] 2017a). A partir da identificação desse alinhamento ideológico da psicanálise, tecem-se críticas acerca do método psicanalítico e de sua cientificidade. Embora Grillo (2017) já tenha apontado que a crítica a seguir elencada não se sustenta nos textos de Freud, interessa-nos pensar por que Volóchinov valoriza o estabelecimento de vínculos ideológicos entre cientistas e a ciência de sua época – o discurso do “nós”:

Infelizmente, nem Freud nem os freudianos jamais tentaram elucidar de modo minimamente preciso e minucioso a sua relação com a psicologia de sua época nem com os métodos por ela aplicados. A escola psicanalítica, que inicialmente foi objeto de perseguição unânime de todo o mundo científico, fechou-se em sua concha e

⁴ Em nossa leitura, notamos uma tonalidade no uso de “tônica ideológica” e “corrente ideológica” por Volóchinov específicas ao artigo de 1925 e a **O freudismo**, de 1927. Se em **Marxismo e filosofia da linguagem** o conceito de ideologia atrela-se ao de signo e à produção de sentidos no interior de uma sociedade estratificada, no texto que analisamos o termo escopa e deflagra uma avaliação negativa à criação ideológica das classes burguesas.

assimilou alguns hábitos sectários do trabalho e do pensamento não muito próprios da ciência (RD 1 - BAKHTIN, [1927] 2017a, p. 67).

A despeito da crítica a Freud, podemos compreender que, para Volóchinov, a perspectiva de sujeito adotada em qualquer teorização seria também um projeto ético alinhado a uma visão de mundo, a uma ideologia. A polêmica parece, assim, reforçar uma opção teórico-metodológica adotada pelo Círculo, a qual percebe o sujeito em sua atividade e responsabilidade, em seu comprometimento consigo mesmo e com o todo social. Como defende Volóchinov ([1929] 2018, p. 212), “[...] a consciência é parte da existência, uma das suas forças e, portanto, possui a capacidade de agir, de desempenhar um papel no palco da existência”. Ao tentar deslegitimar a psicanálise, lemos na contrapalavra uma perspectiva de ciência enquanto teorização encarnada e ancorada no “nós”, ecoando a distinção entre **pravda** (verdade encarnada) e **istina** (verdade universal) na obra em análise.

Ainda em **Para uma filosofia do ato responsável**, Bakhtin reflete sobre a diferença entre o peso da vida e o peso da teoria – a formulação abstrata. Segundo o autor, o mundo teórico, quando tomado como tema da consciência, não se alija da vida, mas é “[...] integrado o evento singular e único do existir através de uma consciência responsável em um ato-ação real” (BAKHTIN, [1920 – 1925] 2017b, p. 58). Isso ecoa no recorte discursivo supracitado, no sentido de que o fazer científico deva ser encarado como um ato encarnado (**istina**). Em Volóchinov, damos um passo a mais e compreendemos que tal ato se valida no interior de uma classe social. Assim, acatamos o ponto de vista d’**O freudismo** para mostrar particularidades do ato em Volóchinov que, acreditamos, levam em conta um dever com a existência do eu-pra-mim, do outro-pra-mim e do eu-para-o-outro num engajamento de classe.

Ainda, cumpre pensar que o dever, ungido pela responsabilidade, encarna-se no agir do próprio sujeito com sua resposta emotivo-volitiva. Segundo Bakhtin ([1920 – 1925] 2017b, p. 55 – 56), o ato responsável possui um “sabor axiológico” que se expressa através das avaliações do sujeito (em relação estreita com seu auditório social) acerca do ato. É por meio dessa união valorativa do sujeito com seu existir no mundo que surge o “pensamento participativo”. Volóchinov nos mostra que a axiologia só pode surgir num contexto ideológico; uma resposta subjetiva à vida ocorre justamente porque a subjetividade é ideológica. “**A consciência individual é um fato social e ideológico**” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 97, grifos do autor), preenchida

por material semiótico, sígnico, advindo das interações sociais situadas no interior de uma classe social. Neste ponto de nossa exposição, temos a dimensão responsável do ato em Volóchinov: ser um participante da cultura implica entrar em diálogo com os demais participantes, com o meio ideológico e de classe. Isso validaria, ancoraria e estruturaria os motivos emotivo-volitivos mais íntimos pelo laço com o social.

Ainda sobre esse tópico, a crítica ao suposto isolamento da psicanálise em relação à comunidade científica constrói, na polêmica, a força do argumento central de Volóchinov, o qual entrelaça ideologia, classe, linguagem e consciência. Como lemos: **“A força da realidade, da importância das ideias, é diretamente proporcional ao seu fundamento de classe, à possibilidade de sua fecundação pelo ser econômico-social de um grupo”** (BAKHTIN, [1927] 2017a, p. 22, grifos do autor). Essa posição manifesta em **O freudismo** revela ao leitor como, para Volóchinov, é indispensável pensar o ato e as visões de mundo nele engendradas em íntima relação com a classe social. O dever com a existência, o não-álibi no ser e o tom-emotivo-volitivo desenvolvidos em Bakhtin ganham tons adicionais: dever **de classe e de luta social**; não-álibi e responsabilização **em face a um outro de classe**; axiologias **da classe e pela classe**. Em suma, a individuação do sujeito leva em conta a luta de classes; o “eu” se ancora num “nós” de classe social.

A concepção de sujeito a que Volóchinov reage é, ao nosso ver, toda aquela em cuja teorização se mitigue a alteridade necessária, constitutiva do humano, vinculada à história; Freud serve de exemplo a essa posição na polêmica manifesta na obra. Com a polêmica, Volóchinov parece reforçar a impossibilidade de engendrar o ato responsável fora da perspectiva da classe social e, conseqüentemente, reforça a característica ideológica da consciência. Tal se consubstancia na avaliação de Volochínov acerca da consciência de si: “[...] a **autoconsciência** acaba sempre nos levando à **consciência de classe**, de que ela é reflexo e especificação em todos os seus momentos essenciais, basilares” (BAKHTIN, [1927] 2017a, p. 87, grifos do autor). Mais uma vez, essa especificação reacentua a noção de “eu-pra-mim” no texto bakhtiniano como autoconsciência de classe e firma compromissos políticos com o ato responsável, inclusive com o científico.

Dessa sessão inicial do artigo, podemos concluir que existe na contrapalavra de Volóchinov ao freudismo a acusação de um projeto teórico supostamente descompromissado, aparentemente universal (porque a-histórico), circunscrito a um

grupo seletivo de psicanalistas. Embora infundada, tal acusação acena a uma prerrogativa maior de Volóchinov acerca da relação constitutiva do sujeito com a ideologia e com a classe social. Na contrapalavra, podemos compreender que a principal reivindicação de Volóchinov seja delinear um sujeito que não se pode ver descompromissado com seu ato, muito menos querer-se alijado do todo social e de sua classe; somente nessas instâncias o ato e seu dever se validam e ganham concretude histórica.

Importa ao nosso delineamento da consciência e da linguagem em Volóchinov as seguintes conclusões: o sujeito não pode tematizar sobre qualquer aspecto da vida sem com isso assumir seu **ato responsável** no interior de sua classe social. Tal tematização (cotidiana ou científica) já pressupõe uma consciência nascida na sociedade e na ideologia, superando a materialidade objetiva do corpo biológico. O ato, por sua vez, leva em conta a história e a ideologia, pois é ancorado na palavra histórica e ideológica em que a consciência se encarna, engendrando o tom autoral do agir. Essas conclusões iniciais serão expandidas às reflexões da segunda parte do artigo, em que, ancorados também em postulados da filosofia primeira bakhtiniana, utilizar-nos-emos dos principais eixos de embate com Freud – o corpo e a sexualidade tomados em sua imanência biológica – para vislumbrarmos um corpo (biológico, sexual) que necessita de seu segundo nascimento na ideologia e na classe social para poder assumir seu dever (ético, responsável e responsivo) com a existência.

Corpo e classe social

Nesta segunda parte do artigo, tentaremos responder à questão: como a filosofia da linguagem de Volóchinov respalda a concepção de sujeito, de consciência e de linguagem que se contrapõem à freudiana na polêmica manifesta em **O freudismo**? Nosso ponto de partida é um sujeito, delineado em Volóchinov, cuja consciência, linguagem e ato estão necessariamente conectados à história, à cultura, à ideologia e à classe social. Para nossa análise, observaremos as críticas que Volóchinov faz ao conceito de corpo, de biologia e de sexualidade nos escritos de Freud. Na “avaliação prévia” que se faz do freudismo, esses conceitos são supostamente hipertrofiados no “eu”, obscurecendo o social em detrimento do individual. Destacamos, assim, o nascimento cultural do corpo, ou sua necessária inscrição na ideologia como pré-requisito para a “individualidade” enquanto tônica da

crítica em **O freudismo**. Já no primeiro período do recorte, o espaço da polêmica se instaura na tentativa de refutar a tônica ideológica do freudismo:

Efetivamente, não existe o indivíduo biológico abstrato, aquele indivíduo biológico que se tornou o alfa e o ômega da ideologia atual. [...] **O indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe**. Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento *social* (RD 2 - BAKHTIN, [1927] 2017a, p. 11, grifos do autor).

A partir desse recorte discursivo, remetemos o leitor ao desenvolvimento dessas ideias em **Marxismo e filosofia da linguagem**. Em Volóchinov ([1929] 2018), a consciência é necessariamente discursiva, porque sígnica. Sígnico, nessa acepção, não se refere apenas ao caráter simbólico da palavra, que figura, numa esfera semiótica, no lugar do concreto. A palavra é vista, para além de seu funcionamento semiótico, em estreita união com sua importância na interação discursiva, a qual advém da própria organização da sociedade: “A consciência se forma e se realiza no material sígnico criado no processo de comunicação social de uma coletividade organizada” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 97). Poder enunciar, nesse sentido, é índice de uma singularidade cuja contraparte constitutiva é o social. A ideologia e o signo levam-nos a uma sociogênese da autoria, do ato, no interior de uma dada classe social. Autorar, enunciar e perceber a si mesmo é, nesse sentido, já estar completamente imbricado no todo social e ideológico – e a autoria seria ocupar um lugar insubstituível no todo social, porque leva em conta a responsabilidade de responder por si em face ao outro, seja mais imediato (o parceiro enunciador), seja menos imediato e aperceptivo (a classe social).

Disso podemos fazer um estudo mais profundo do que seja o signo e a ideologia em Volóchinov. Começando pelo conceito de “língua materna”, lemos que ela “[...] não é recebida pelas pessoas; é nela que elas despertam pela primeira vez” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 198). A língua não é um instrumento, ou um meio de conectar-se com o social; pelo contrário, a língua é o espaço de constituição do sujeito. Ela não “vem pronta” para nós, ela não é “utilizada” por nós: o ser é ser **com, na** língua. Essa concepção é semelhante em Bakhtin, que analisa a língua em sua esfera actancial, discursiva: “Discurso é a língua **in actu**. É inadmissível contrapor língua e discurso em qualquer que seja a forma” (BAKHTIN, [1952 – 53], 2016, p. 117, grifos

do autor). Portanto, a palavra em sua qualidade sgnica   ideológica,   orientada para o outro, nasce da teia discursiva: “Em sua essência, **a palavra   um ato bilateral**. Ela   determinada tanto por aquele **de quem** ela procede quanto por aquele **para quem se dirige**” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 205, grifos do autor).

Nessa linha de raciocínio, a possibilidade de enunciar – e de, portanto, de agir responsabilmente – se dá justamente porque há uma condi o de alteridade fundante do conhecer-se e do conhecimento do outro, do mundo. A ideologia pode ser pensada como um terreno comum para a qualidade de sujeito operante na cultura, justamente porque   o externo (o discurso exterior) que constitui nosso interno (o discurso interior, a consciência). Assim, sujeito, linguagem e consciência encontram-se na ideologia, na esfera de cria o humana, a qual responde também   classe social e a questões sociais, políticas e econ micas maiores. Por isso, compreendemos que os motivos pelos quais Freud, enquanto tpico estudioso da psique, fora lido e apresentado como um subjetivista têm a ver com o fortalecimento de um projeto teórico de Volóchinov, o qual tem a ver com a ideologia como encontro de subjetividade, linguagem e sociedade.

Como uma argamassa, um ponto de liga o da proteiformidade discursiva, a ideologia congrega a intera o verbal de uma coletividade. Isso se manifesta no conceito de **psicologia do corpo social**, “[...] aquele universo **de discursos verbais** multiformes que abarca todas as formas e todos os tipos de cria o ideológica estável [...]” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 107, grifos do autor). A psicologia do corpo social não está “nas almas” dos indivíduos, “[...] mas inteiramente no **exterior**: na palavra, no gesto, no ato” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018, p. 107, grifos do autor). Perguntamos, então: em que pesa a linguagem em rela o ao corpo,   sexualidade e ao biológico, eixos tão produtivos de crítica a Freud?

O axioma da totalidade ajuda-nos a compreender como se dá esse nascimento do corpo na cultura, um argumento forte na polêmica manifesta na obra de Volóchinov. Esse defende que   pelo diálogo com a totalidade ideológica e discursiva de uma época, de uma cultura, de uma classe social que o corpo (re)nasce e ganha estatuto de individualidade. Em outras palavras, o processo de nascimento do corpo na cultura   entrecruzado por signos ideológicos, os quais vão dando “forma”   consciência. Nascidos nesse todo discursivo, o indivíduo traz em sua constitui o a alteridade, a palavra alheia fundante, dela não se desvencilhando. O outro participa,

assim, na constituição de todos os enunciados, de todas as unidades internas da consciência e também do corpo. É em face ao panorama da totalidade discursiva de uma era e da alteridade fundante, que o indivíduo pode ser visto para além de sua constituição biológica, passando a ser um ator na cultura. Para argumentar sobre isso, Volochínov faz uma distinção entre “indivíduo” e “individualidade”:

[...] é preciso distinguir indivíduo como ser da natureza, tomado fora do mundo social, assim como ele é estudado e conhecido pelos biólogos, e o conceito de individualidade, que, construído sobre o indivíduo natural, é por sua vez uma superestrutura ideológica e sógnica, portanto social (VOLÓCHINOV [1929] 2018, p. 129).

Portanto, podemos compreender que o corpo é revestido por um manto ideológico que o constitui como ser da cultura e da sociedade, e que esse manto é, ao mesmo tempo, interno e externo. Esse batismo, que pode ser visto como um segundo nascimento do corpo, modifica por completo o estatuto desse mesmo corpo, do “corpo-para-si” e do “corpo-para-o-outro”, segundo os pilares da arquitetura do ato bakhtiniano (BAKHTIN, [1920 – 1922] 2017b). Conhecemos a nós e ao outro por meio do manto ideológico, que, como dito anteriormente, não possui diferença qualitativa entre o externo e o interno. O peso da “vivência do nós” preenche por dentro a vivência do “eu” (VOLÓCHINOV, [1929] 2018) modificando o caráter mesmo desse corpo – e de tudo que dele advém – em face à ideologia e à classe social. Nisso reside a principal crítica a Freud, embora a relação eu-outro seja um profícuo eixo de teorização da psicanálise freudiana, tanto ao focar o sujeito, quanto ao focar a cultura (GRILLO, 2017).

A sexualidade é igualmente lida por Volóchinov a partir da palavra, da interação verbal. O batismo cultural passa pelos significados ideológicos de uma era. Segundo Volochínov (1927), a palavra em seu estatuto ideológico penetra as mais variadas esferas sociais, mas em caráter unificador mais ou menos estável. Isso gera uma diferença entre ideologias oficiais, constituídas, e ideologias não-oficiais, não plenamente constituídas e menos estáveis. O que distingue ambas é o nível de estruturação dessas ideologias. Assim, “[...] quanto mais amplo e mais profundo é o divórcio entre a consciência oficial e a não-oficial tanto mais dificuldade têm os motivos do discurso interior para passar ao discurso exterior [...]” (BAKHTIN, [1927] 2017a, p. 90). Portanto, a sexualidade, por muito ter sido relegada ao campo das ideologias não-oficiais, dificilmente se verbaliza sem constrangimentos, de forma estruturada. Torna-

se, assim, um tema mais a-social, mais divorciado da estruturação ideológica tanto interna, quanto externa.

Nessa esteira, podemos esboçar uma concepção outra de corpo como **corpo cultural, ideológico**, distinto do corpo biológico. No todo social, na totalidade, na atitude responsiva, o caráter textual/sígnico e ideológico do corpo já não coincide com a naturalidade pré-cultural. Se há sujeito que se considera sujeito, é porque possui um discurso interior calcado no discurso exterior, no outro, nas relações de alteridade em sociedade. Por isso, o corpo em Volóchinov (1927) não é somente biológico, nem um corpo biológico a que se acresce a cultura. O corpo é **nascido** na cultura; não podemos identificar relação de primeridade apriorista entre corpo e cultura. Quando enunciamos e quando temos consciência de nós, já estamos na cultura. Por isso, a tentativa de enfoque biologista na teoria freudiana pode ser lida como recurso discursivo que estabelece a polêmica com a dominante ideológica burguesa psicanalítica. Acreditamos que essa vontade de polemizar fez que, no texto de **O freudismo**, alguns conceitos freudianos passassem por uma lente redutora e de viés agonístico, antagônico.

Por conta da investida incisiva de Volóchinov contrariamente às proposições freudianas, podemos nos perguntar: em que medida a polêmica analisada serve como eixo de comparação para pensar o sujeito em Volóchinov? Por nossa análise, verificamos que a polêmica explicita características do sujeito em Volóchinov que se ancora no construto de ideologia e que mantém relações com o todo social e com a classe social. Nesse sentido, observamos que a relação linguagem, ideologia e consciência em Volóchinov, quando pensadas em relação ao ato responsável bakhtiniano, dão um passo a mais no método sociológico para validar a responsabilidade no interior de condições sociohistóricas, econômicas e políticas. Tal engendra o surgimento do sujeito na cultura. Essa é uma grande contribuição que o estudo da obra **O freudismo** proporciona aos pesquisadores, a saber, o direcionamento específico do conceito de ideologia nos escritos de Volóchinov, que leva em conta a criação cultural de grupos dispostos num esquema social inequivocamente estratificado.

Unindo pontas na contrapalavra: considerações finais

Em nossa discussão, demonstramos como o conhecimento de si e do outro é um tema produtivo nas teorizações de Bakhtin e Círculo, servindo a matizes específicos de cada autor. O evento pelas lentes bakhtinianas deve ser concebido em relação à sóciohistória e à ideologia. Essa mesma visada sobre o evento não é alheia à psicanálise freudiana, como defendem Perez (2017) e Grillo (2017), mas serviu de mote à polêmica concretizada em **O freudismo**, que nos vale como importante manifestação da visão de Volóchinov acerca do sujeito. É destinado um enfoque a um segundo nascimento do corpo, já na cultura. Discutimos que, a partir da filosofia primeira bakhtiniana, é possível supor que, em Volóchinov, apenas esse nascimento cultural valida o corpo a entrar em diálogo com o discurso (tanto interior, quanto exterior), assim como orienta a produção situada de verdades emotivo-volitivas (**pravda**) e legitimam a responsabilidade do ato. Argumentamos que, em Volóchinov, esse nascimento cultural é também reconhecimento de pertencimento à classe social.

Em nosso exercício de análise pela contrapalavra, podemos perceber que há em **O freudismo** um esforço em argumentar contra uma visão de mundo enquanto “vivência do eu”. Expande-se essa reflexão em **Marxismo e filosofia da linguagem**, em que Volóchinov ([1929] 2018), menciona o “individualismo” redutor como uma manifestação tipicamente burguesa. Deve-se pensar a individualidade como uma marca do social na subjetividade (VOLÓCHINOV, [1929] 2018). Nossa análise, portanto, ancora-se no contexto sociohistórico da União Soviética na época de escritura d’**O freudismo**, documentado por Paulo Bezerra (2017), Lima e Perini (2009) e Grillo (2017), para demonstrar como importantes passos da construção da filosofia da linguagem voltada ao signo ideológico já se manifestavam na obra em análise.

A partir de nossos apontamentos, reunimos linguagem, corpo e subjetividade em Volóchinov sob a égide da ideologia. É na totalidade ideológica e dialógica que se pode assumir uma postura autoral, a qual responde responsavelmente ao contexto de interação verbal mais imediato e à classe social. Percebemos em Volóchinov uma especialização do olhar sobre o ato bakhtiniano em sua relação concreta com o todo social. Lemos na contrapalavra d’**O freudismo** uma agenda teórica e ética que polemiza com perspectivas subjetivistas do sujeito, a qual fundará, em textos subsequentes, uma filosofia da linguagem que faz do signo ideológico um lugar de constituição do sujeito e de constante tensão de vozes sociais (VOLÓCHINOV, [1929]

2018). A acuidade das críticas empreendidas a Freud no texto de Volóchinov é verificada por pesquisadores da área, motivo pelo qual remetemos o leitor a esses textos (LIMA; PERINI, 2009; GRILLO, 2017).

Ao fim desse percurso, acreditamos serem as discussões propostas tópicos de extrema relevância aos pesquisadores do discurso, visto que elencamos, a partir de um posicionamento crítico concreto de Volóchinov, aspectos que a ele e à época dessa escrita são singulares. Essa singularidade revela, em caráter de germe, frutíferas contribuições a uma filosofia da linguagem que acione o signo como palco da interação verbal, das mudanças e lutas sociais e da constituição do sujeito. Também dialogamos com acadêmicos da Psicologia e das demais Ciências Humanas que se ocupam em pensar a relação entre o sujeito e o mundo, evidenciando como o embate entre autores criam espaços de delineamento de visões de mundo que, embora contrárias e agonísticas durante a polêmica, indicam possibilidades de complementação e diálogo para futuros leitores, sejam de psicanálise, sejam do discurso.

Referências

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso** (1952-1953). Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 174.

BAKHTIN, M. **O freudismo: um esboço crítico** (1927). Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2017^a, p. 109.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do Ato Responsável.** (1920 – 1925). Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017b, p. 159.

BEZERRA, P. Freud à Luz de uma Filosofia da Linguagem. *In*: BAKHTIN, M. **O freudismo: um esboço crítico.** (1927) São Paulo: Perspectiva, 2017a. p. XI – XIX.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Bakhtin.** Trad. J. Ginsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 381.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 165.

FREUD, S. O Inconsciente (1915). *In*: _____. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914 – 1916). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 99 - 150.

GRILLO, S. V. C. Marxismo, psicanálise e método sociológico: o diálogo de Volóchinov, marxistas soviéticos e europeus com Freud. **Bakhtiniana**. São Paulo, v. 12, n. 3, p. 54 – 75, 2017.

LIMA, S. M. M.; PERINI, R. Bakhtin e Freud: aproximações e distâncias. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 80 – 99, 2009.

PEREZ, D. O. **O inconsciente: onde mora o desejo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

PONZIO, A. **No círculo com Mikhail Bakhtin**. Trad. Valdemir Miotello, Hélio M. Pajeú, Carlos A. Turati e Daniela M. Mondardo. 2 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 330.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. (1929) Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 373.

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. (1926). *In*: _____. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, resenhas e poemas**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 109 - 146.

Recebido em 02 de setembro de 2020
Aprovado em 03 de novembro de 2020